

• CAPÍTULO 1 •

CALVINO SOBRE A VIDA CRISTÃ: UMA INTRODUÇÃO

“A ESPIRITUALIDADE DE CALVINO é raramente examinada”.¹ Há exceções notáveis a esse veredito dado por Howard Hageman. Porém, parece ser uma verdade geral que mesmo aqueles que consultam Calvino em questões teológicas ou exegéticas geralmente se inclinam a buscar em outros lugares quando procuram direção espiritual. Suspeito que a razão principal dessa negligência tem a ver com o que queremos dizer com “espiritualidade”.

Um período diferente

Era uma vez um tempo em que ritmos diários eram ordenados pelos sinos das igrejas, e o ciclo anual levava em consideração o calendário da igreja. As pessoas passavam pela igreja para enxergar os marcos da vida em meio às lápides. De batismos a funerais, a presença de Deus era sentida pelo menos tacitamente ao longo da vida toda. A fé era uma estrutura de referência compartilhadamente pública, não um passatempo privado por aqueles que, nas palavras do teólogo moderno Friedrich Schleiermacher, “possuem um talento para a religião” ou “um gosto pelo infinito”. A mão de Deus era discernida em inundações, fogos e pragas, bem como em colheitas frutíferas. Claro, havia muitas pessoas para as quais tudo isso eram palavras sem signi-

¹ Howard Hageman. “Reformed Spirituality”, em *Protestant Spiritual Traditions*. Frank C. Seen (org.) (Nova York: Paulist, 1986), p. 60.

ficado em vez de crença verdadeira. Porém, ninguém admitia um mundo em que a religião ou a espiritualidade era um canto da vida privada.

A Reforma e o coração da questão

De qualquer modo em que a Reforma tenha antecipado a Idade Moderna, ela pertencia a um mundo moldado pela cristandade. Especialmente para os reformadores e seus sucessores, fé e razão, doutrina e vida, sagrado e secular eram assuntos dos quais falavam. É surpreendente para nós, em nosso contexto contemporâneo, descobrir o mesmo teólogo escrevendo um sermão ou uma palestra, um poema sobre natureza ou um hino ao Criador e Redentor da natureza, uma gramática de hebraico e grego e alguns cálculos sobre os movimentos planetários – na mesma semana. Verdade, bondade e beleza uniam todas as disciplinas em um mesmo corpo de conhecimento. Ao explorar os céus ou debruçar-se sobre as Escrituras a estudá-las, o indivíduo estava engajado em uma meditação piedosa sobre o trabalho de Deus.

É difícil justificar a declaração de que a Reforma trouxe bênção perfeita. Porém, é ainda mais implausível sugerir, como alguns escritores recentes, que ela lançou a tendência ao secularismo.²Primeiramente, por várias avaliações, pode facilmente ser demonstrado que a cristandade medieval já estava se desmoronando. Ela era mantida precariamente, mas ao mesmo tempo com firmeza, pela vasta rede de poder magisterial. Séculos de tirania papal e abusos criaram cinismo geral e provocaram uma miríade de movimentos reformadores. Por um tempo os “conciliaristas” – instando a submissão papal aos concílios – tiveram vantagem, mas os “papistas” finalmente venceram.

Um momento especialmente ansioso surgiu no século 14, quando três papas reivindicaram o trono de Pedro. Iniciado em 1309, o Grande Cisma do Ocidente (frequentemente chamado de “o cativo babilônico”) só foi concluído com o Concílio de Constança, em 1417, um século antes de Lutero publicar suas noventa e cinco teses. Em 1987, antes de se tornar papa, Bento XVI, o cardeal Joseph Ratzinger, explicou:

Por quase meio século, a Igreja foi partida em duas ou três obediências que excomungavam uma à outra, de tal maneira que todo católico vivia exco-

² Um exemplo recente é o historiador de Notre Dame, Brad Gregory, *The Unintended Reformation: How a Religious Revolution Secularized Society* (Cambridge: Harvard University Press, 2012). Para uma interpretação bem diferente, veja Scott H. Hendrix, *Recultivating the Vineyard: The Reformation Agendas of Christianization* (Louisville: Westminster John Knox, 2004).

mungado por um papa ou por outro e, na análise final, ninguém poderia dizer ao certo qual dos contendores tinha a razão ao seu lado. A Igreja não oferecia mais a certeza da salvação; ela havia se tornado questionável em sua forma objetiva por inteiro – a Igreja verdadeira, o verdadeiro clamor à salvação, tinha que ser buscado fora da instituição.³

Pelo menos pela perspectiva dos reformadores, esta era somente a ponta do *iceberg*. Sátiras da Cúria romana e dos monges eram comuns. Mesmo assim, reformadores como Lutero e Calvino foram ao cerne do problema: a doutrina, e não qualquer doutrina, mas a substância da mensagem do evangelho em si.

Porém, como a palavra *reforma* sugere, eles não se puseram a criar uma nova igreja, e o movimento não ficou conhecido por mera crítica. O objetivo era essencialmente construtivo: nominalmente, reevangelizar o cristianismo.

Primeiramente, a Reforma iniciou uma renovação da piedade cristã através de seu *aprofundamento*. Em seu prefácio no Catecismo Menor, Lutero expressou alarme ao analfabetismo bíblico geral. Porém, mais de um século antes, o chanceler e teólogo da Universidade de Paris, Jean Gerson, escreveu um tratado reclamando que até mesmo pregadores eram ignorantes da mensagem, figuras e enredo básicos das Escrituras. Voltando às fontes para descobrir um tesouro perdido, aqueles que abraçaram a Reforma a conheciam de maneira tão profunda e estavam tão investidos nisso que estavam dispostos a morrer por ela, se necessário. Aqueles que abraçaram a Reforma estavam convencidos de que tinham entendido de maneira verdadeira o evangelho da graça de Deus em Cristo pela primeira vez.

A Reforma também iniciou uma piedade genuína *abrindo* o círculo. Os monges e as freiras engajados em oração e contemplação diárias eram chamados de “os religiosos”. Basicamente, eles eram substitutos, cumprindo disciplinas espirituais em nome de leigos seculares. Monges eram frequentes vítimas do que seria equivalente ao nosso “*stand-up comedy*” hoje em dia. Porém, os reformadores davam trabalho não porque se juntavam aos abusos verbais, à preguiça, ignorância e aos vícios, mas porque desafiavam a legitimidade da vocação monástica em si.

Enquanto todas as estradas levavam a uma catedral ou paróquia local, os líderes da igreja se sentiam obrigados a publicar decretos exigindo par-

³ Cardeal Joseph Ratzinger, *Principles of Catholic Theology* (San Francisco: Ignatius, 1987), p. 196.

ticipação na missa pelo menos uma vez por ano. Mesmo assim, o adorador leigo não entendia a liturgia suficientemente para participar dela, e a taça da comunhão não era compartilhada com os leigos. Sermões eram raros, exceto quando pregadores mendicantes vinham à cidade. Essencialmente, a missa era um espetáculo – um evento criado que as pessoas observavam de longe, separadas por uma tela. Estava se tornando cada vez mais claro que, pelo menos nas ruas, a fachada do cristianismo estava se desfazendo para revelar uma tela de várias crenças pagãs (pré-cristãs) nativas. Como o historiador de Cambridge, Patrick Collinson, conclui, a Reforma foi “um episódio de recristianização ou até mesmo de cristianização primária” que interrompeu “um processo de secularização com raízes muito mais profundas.”⁴

Com o evangelho como fonte, os crentes agora tinham acesso completo e igual à misericórdia de Deus através de seus meios de graça. Eles ouviam a palavra exposta em sua própria língua. A tela foi removida, e a congregação participava da liturgia pública, recebendo a Ceia – não somente o pão, mas também o cálice, e frequentemente, ao invés de somente uma vez ao ano. Logo, até santos mais pobres adquiriram bíblias e trouxeram seus próprios hinários à igreja, dos quais cantavam diariamente seus hinos na fazenda e na loja, bem como em suas casas e à volta da mesa do jantar. Tornou-se muito frequente os mártires passarem seus momentos finais na terra cantando cânticos a Deus ao passarem por multidões que as autoridades recorriam a cortar as línguas deles antes que fossem levados às piras funerárias.

Imitando o exemplo da igreja antiga, os reformadores produziram catecismos. Evangélicos adolescentes – tanto meninas quanto meninos – estavam mais familiarizados com o conteúdo e a racionalidade de sua fé e prática do que muitos padres. Na verdade, a Contrarreforma católica produziu o próprio catecismo e outros meios de instrução (incluindo a ordem Jesuíta) em um esforço para acabar com a onda de conversões à fé e prática evangélicas.

Quebrar o muro que separava os monges que estavam em “serviço cristão por período integral” do crente leigo não somente aprofundou e abrangeu a piedade na adoração pública; também ocasionou uma visão libertadora de chamados no mundo. Até mesmo ordenhar uma vaca para a glória de Deus e para o bem do próximo tornou-se uma atividade espiritual.

⁴ Patrick Collinson, *The Religion of Protestants: The Church in English Society 1559-1625* (Oxford: Clarendon, 1982), p. 199.